



rendas de bilro
de Florianópolis



rendas de bilro de florianópolis



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura



rendas de bilro de florianópolis



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

Presidência da República

Presidenta: Dilma Vana Rousseff

Ministério da Cultura

Ministra: Ana de Hollanda

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretora: Célia Corsino

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretora: Claudia Marcia Ferreira

PARCERIA

Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Lygia Segala

PATROCÍNIO

Ministério da Fazenda

Ministro: Guido Mantega

Caixa Econômica Federal

Presidente: Jorge Hereda

PARCERIA LOCAL

Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina

Presidente: Carin Heloísa Hahn da Silva Machado

Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prefeito: Dário Berger

Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes

Superintendente: Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

apoio



parceria



A CAIXA apoia o artesanato brasileiro

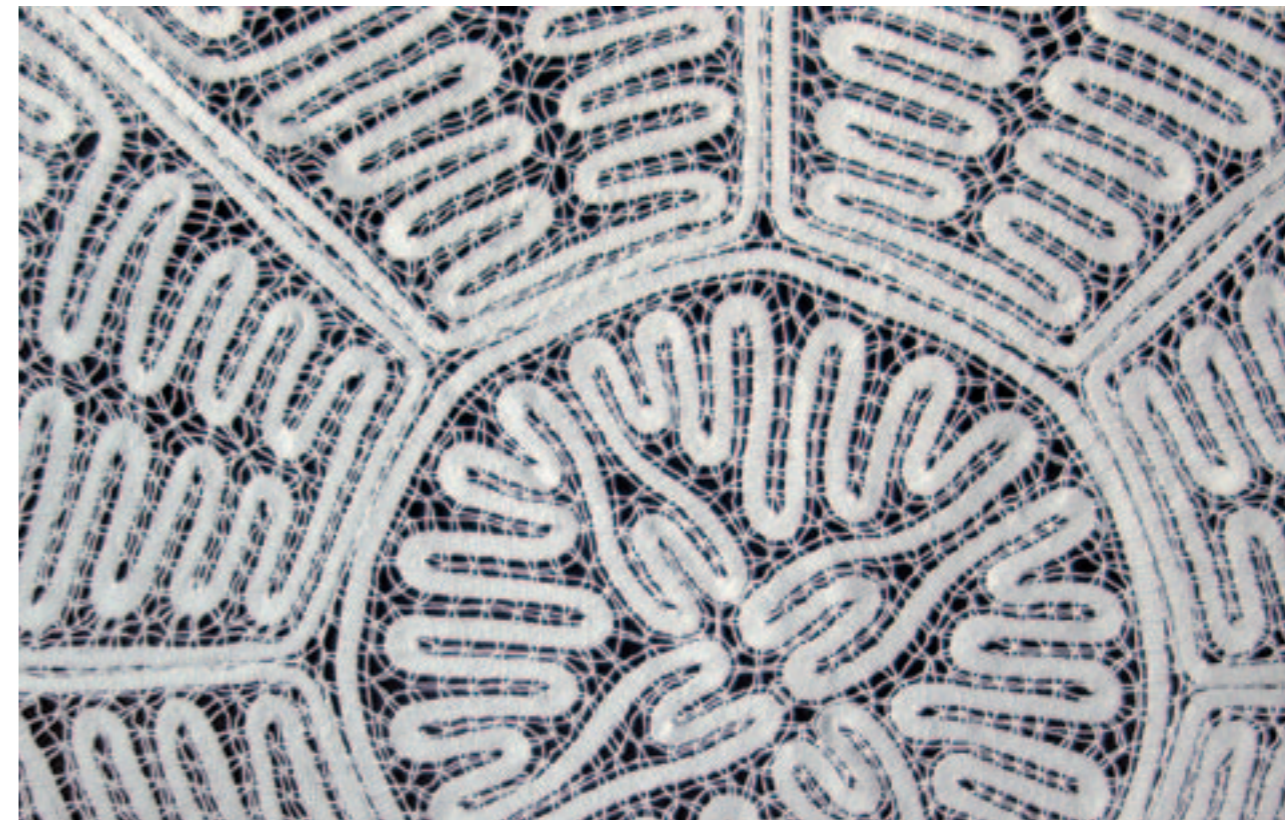
realização



Ministério da Cultura



patrocínio



Setor de Pesquisa

PROGRAMA SALA DO ARTISTA POPULAR

COORDENADORA

Maria Elisabeth Costa

PESQUISA E TEXTO

Maria Armenia Muller Wendhausen

FOTOGRAFIAS

Jone Cesar de Araújo

MAPA

Tatiana Ferreira

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Lucila Silva Telles

Ana Clara das Vestes

DIAGRAMAÇÃO

Lígia Melges

Patrícia Costalonga (estagiária)

PRODUÇÃO

Wilmara Figueiredo

APOIO DE PRODUÇÃO

Dirlene Regina Santos da Silva

Manuela Kemper

PROJETO DE MONTAGEM E PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

Talita de Castro Miranda (assistente)

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Márcia Shoo

EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Marylia Dias, Magnum Moreira e Sandra Pires

R397 Rendas de bilro de Florianópolis / pesquisa e texto de Maria Armenia Müller Wendhausen.-- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2011.

36 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n. 171).

ISSN 1414-3755

Catálogo etnográfico lançado durante a exposição realizada no período de 27 de outubro a 27 de novembro de 2011.

1. Renda de bilro – Santa Catarina. 2. Artesãos – Santa Catarina. I. Wendhausen, Maria Armenia Müller, org. III. Série.

CDU 746.22(816.4)

sala do artista popular

S A P

MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

171

2011

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

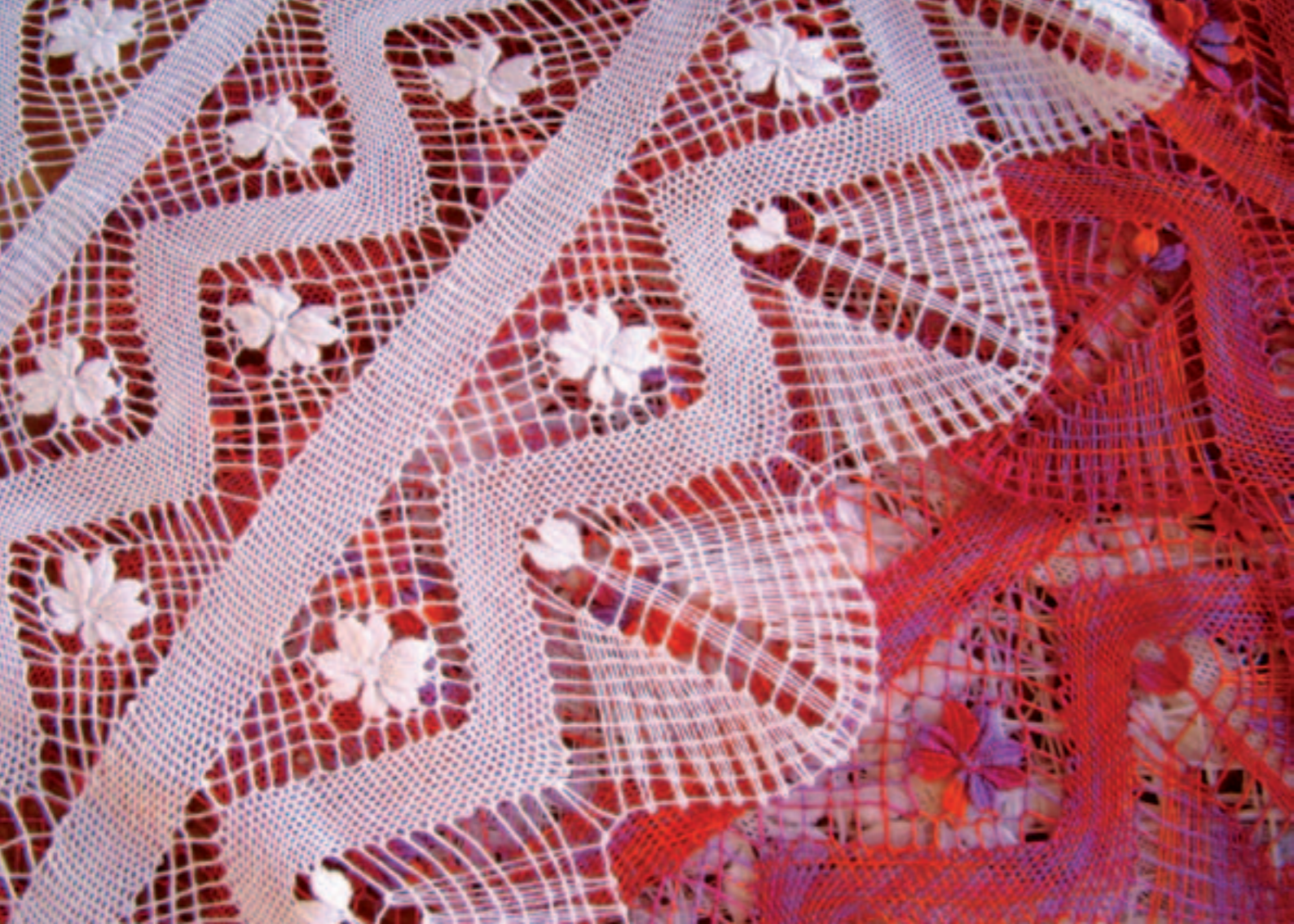
Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

ASAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



A Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina - CAISC é uma associação civil, de caráter social, sem fins econômicos. Na qualidade de representante do Governo da Região Autônoma dos Açores, tem como finalidades estatutárias resgatar, difundir e preservar a cultura de base açoriana, bem como viabilizar todas as iniciativas que promovam o seu desenvolvimento socioeconômico, educacional e cultural no Estado de Santa Catarina.

Estamos empenhados em apoiar toda e qualquer manifestação cultural luso-açoriana promovendo intercâmbios educativos e de cunho social, organizando eventos, cursos, palestras, seminários, buscando sempre a divulgação da história e da cultura de raiz açoriana no Estado de Santa Catarina.

Das diferentes referências culturais de origem açoriana pode-se destacar o culto ao Divino Espírito Santo, pão-por-Deus, terno de reis, dança do pau de fita, a quadrilha, a ratoeira e a cerâmica, com ênfase especificamente para a renda de bilro, que, tanto em Florianópolis quanto em outros municípios do litoral catarinense, transcendem séculos como uma forte demonstração desse contingente étnico.

Nessa oportunidade, ressaltamos que a renda de bilro de Florianópolis é considerada uma das mais importantes referências culturais da região e a CAISC considera da mais alta relevância a realização de ações como a Sala do Artista Popular, evento que certamente irá valorizar e salvaguardar este artesanato como parte ímpar da história de nossa terra e nossa gente.

CARIN HELOÍSA HAHN DA SILVA MACHADO

Presidente da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina



A Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC) investe em programas, projetos, pesquisas e ações de fomento à produção cultural, e de apoio às manifestações tradicionais e contemporâneas. Como órgão oficial de cultura do município, atua no resgate da história e da memória da cidade, promovendo, divulgando e preservando o patrimônio cultural material e imaterial – herança representativa dos povos que contribuíram para a formação da cultura local.

A renda de bilro é um desses legados de importante valor simbólico. Trazida por imigrantes que aqui chegaram em 1748, vindos dos Açores, a arte de tramar fios representou uma vital fonte de renda nas comunidades pesqueiras do município que ainda hoje preservam a identidade de base açoriana. Naqueles tempos, as mulheres garantiam a manutenção básica da casa com o trabalho artesanal, enquanto os maridos passavam longos períodos em alto-mar em busca da pesca farta.

Nas almofadas de bilro, esposas e filhas de pescadores teciam os fios para ocupar o tempo e deles também tirar o sustento do lar. Exercitavam a criatividade inventando pontos como “maria morena” e “tramoia”, este considerado típico da Ilha de Santa Catarina. Nas rodas de cantoria durante o feitiço da renda, as artesãs dividiam as angústias e a saudade; fortaleciam amizades e laços familiares, numa tradição que atravessou gerações, dando origem ao ditado “onde há rede, há renda”.

Para divulgar essa tradição cultural que aos poucos vinha desaparecendo, a Fundação Franklin Cascaes mantém o projeto Oficinas de Arte-educação nas Comunidades, desde a década de 1990, tendo entre as atividades o ensino da renda de bilro. Em homenagem a esse fazer artesanal tão ligado à cena cotidiana de Florianópolis, instituiu-se por decreto municipal o dia 21 de outubro como Dia da Rendeira.

Mas, outras ações estão em curso para fortalecer e valorizar ainda mais o ofício das rendeiras, garantindo a continuidade do repasse de saberes. Uma delas é o Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis (Casarão das Rendeiras), implantado pela Fundação na região da Lagoa da Conceição, e onde são realizadas atividades em parceria com o Promoart – Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural, do Ministério da Cultura.

Além disso, a realização de uma Sala do Artista Popular, no Museu Edison Carneiro, no Rio de Janeiro, e o registro do ofício das artesãs de Florianópolis em livro dão maior visibilidade ao trabalho das rendeiras catarinenses. Ações como estas contribuem de forma significativa para a valorização desse artesanato tradicional que está enraizado na cultura do município.

RODOLFO JOAQUIM PINTO DA LUZ

Superintendente da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes



Onde há rede, há renda

MARIA ARMENIA MÜLLER WENDHAUSEN

Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, tem orgulho de suas rendeiras. Homenageadas em verso no hino da cidade¹ e no nome da principal rodovia em Lagoa da Conceição – a Avenida das Rendeiras – elas acabaram ganhando data comemorativa oficial. No calendário de Florianópolis, o dia 21 de outubro consta como o Dia Municipal da Rendeira, instituído pela Lei no 8030/2009. A data foi escolhida em função do dia 21 de outubro de 1747, quando os primeiros imigrantes açorianos (473 pessoas) partiram do porto de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, nos Açores, com destino a Santa Catarina, aportando na Ilha em 6 de janeiro de 1748. Chegados em Santa Catarina, os homens se dedicaram às atividades de pesca, enquanto as mulheres teciam renda em almofadas de bilro, vendendo seus produtos no mercado da cidade para reforçar o orçamento da família. Desde essa época, vigora o ditado ‘onde há rede, há renda’.

O povoado originalmente denominado Ilha de Santa Catarina, mudou o nome para Nossa Senhora do Desterro ao se tornar vila. Com a Proclamação da República, tornou-se cidade, com o nome abreviado de Desterro. Em 1894, em homenagem ao então presidente Floriano Peixoto, a cidade assumiu o nome de Florianópolis.

Grande parte do município de Florianópolis (97,23%) está situada na Ilha de Santa Catarina e somente uma parte diminuta é continental. Com uma população estimada em 404.224 habitantes (IBGE, 2010), distribuídos numa área de 433km².

A economia da cidade é dominada pelas atividades de comércio e prestação de serviços, com alguma expressão na indústria de transformação, além das atividades ligadas ao turismo. O percentual de participação da atividade pesqueira, juntamente com a da produção agrícola, vem apresentando um declínio considerável nos últimos anos. Mesmo assim, a captura de produtos do mar é a maior contribuição do município em termos de atividade extrativa, sendo possível encontrar, ainda hoje, em diversos locais, homens que têm na pesca artesanal a sua principal fonte de sustento.

O cultivo de mariscos e ostras tornou-se uma atividade lucrativa em diversos pontos da ilha, mais expressivamente

nas praias de Santo Antônio de Lisboa, Sambaqui e Ribeirão da Ilha. Já as atividades ligadas à agropecuária abarcam os municípios que compõem a grande Florianópolis.

Nos últimos anos, dois ramos do setor industrial têm se destacado em Florianópolis: informática e, especialmente, vestuário, com destaque para a moda esportiva. Ambos são acolhidos com bons olhos pela população por seu caráter pouco poluente. Também não se pode esquecer que a cidade está estreitamente relacionada com a produção industrial de cidades próximas, como São José, Canelinha, Tijucas e outras, onde se destacam a cerâmica, artefatos de cimento, plásticos e calçados.

Com belos recantos na parte continental e com a parte insular caracterizada por um relevo irregular e uma costa bastante recortada, com suas 42 praias, Florianópolis propicia uma diversidade de paisagens que atrai cada vez mais não só visitantes, mas também novos moradores. O turismo, além de gerar divisas por intermédio de estabelecimentos como hotéis, agências de viagens, restaurantes, bares, campings e outros, ultimamente tem estimulado uma economia informal, com aluguéis de casas pelos próprios proprietários, o surgimento de novos vendedores ambulantes nas praias e a organização de passeios de barco pelos pescadores.



Lagoa da Conceição

Com forte influência açoriana em sua formação desde o povoamento iniciado em 1748, Florianópolis ainda preserva traços fortes desse legado: a culinária; a pesca artesanal; as lendas e mitos envolvendo bruxas, sereias e lobisomens; danças como a ratoeira² e o pau de fita³; “pão-por-Deus”⁴; e, muito especialmente, a renda de bilro.

A RENDA DE BILRO:

UMA REFERÊNCIA CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS

A cidade reúne o maior número de rendeiras do sul do Brasil (SOARES, 1987). São descendentes das famílias açorianas que ocuparam a antiga Vila do Desterro, na Ilha de Santa Catarina, desenvolvendo atividades ligadas à agricultura e à pesca de subsistência.

A renda de bilros é uma atividade exercida em Florianópolis desde o século 17 e é inegável a sua importância dentro do contexto cultural da cidade, sendo referência em qualquer citação sobre a capital do Estado de Santa Catarina, sempre aliada à colonização açoriana.

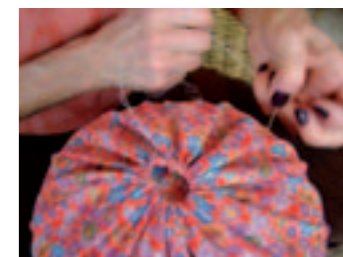


Os bilros são pequenas bobinas de madeira, geralmente preparadas e torneadas pelos maridos ou por parentes das rendeiras. A madeira mais empregada para sua confecção é a rabo de macaco (*Melaxonylon brauba*). Quando novos, os bilros são opacos, mas, com o tempo, vão ficando brilhosos, como se fossem encerados, resultado da oleosidade das mãos durante o manuseio.

Os bilros são manejados aos pares pela rendeira, em movimento rotativo.

Para armar a renda, são utilizadas almofadas em formato de cilindro, feitas de tecido de algodão e recheadas com 'barba de velho', capim de colchão, palha de bananeira, serragem, ou, ainda, esponja sintética, também denominada de espuma, misturada com estopa.

As almofadas são apoiadas em caixas de madeira ou cavaletes, também chamados





de cangalha, que, quando não estão sendo utilizados, podem ser desarmados. Algumas caixas são providas de gavetas, para armazenar os bilros.

Antigamente, as rendeiras faziam a renda no chão, sentadas sobre as pernas, acomodando as almofadas em cangalhas baixas, reaproveitadas de caixas de sabão ou de frutas trazidas dos mercados. Hoje em dia, os cavaletes de madeira, com altura adequada, permitem que trabalhem sentadas em cadei-



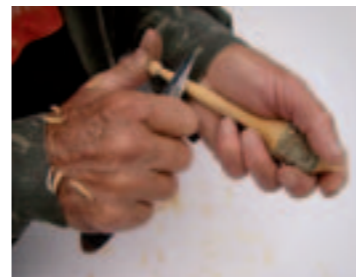
Dona Ném

ras ou poltronas, com mais conforto. O fato de que os cavaletes são desmontáveis facilita o transporte dos materiais necessários para a confecção da renda, principalmente quando vão participar de feiras ou exposições.

Embora dedicadas a um ofício feminino por excelência, muitas rendeiras contam com o auxílio fundamental de seus maridos. São eles os responsáveis pela fabricação dos bilros, dos caixotes de madeira e dos cavaletes/cangalhas. No bairro Campeche, José Hermínio Faustino (seu Zeca) e dona Helena Maria Nunes; no Ribeirão da Ilha, o casal Catarina Odília dos Santos e Jaime Francisco dos Santos; em Santo Antônio de Lisboa, as irmãs Ilurdes Machado Souto e Naldi Machado da Ventura, carinhosamente chamadas de Dinha e Ném, e seus maridos, Adircio João de

Souto (o Galego) e João Carlos da Ventura (Carlinho) são exemplos de casais que trabalham em parceria – ele, no bilro e no cavalete, e ela, na renda.

O registro mais expressivo dessa parceria cabe a Saulo Idalino Teixeira, que trabalha junto com a esposa, a rendeira Eliane Inedina Vieira, e, nos finais de semana, também conta com a colaboração da filha, na loja que a família mantém na Avenida das Rendeiras – Lagoa da Conceição. É ele quem faz as franjas dos xales de renda produzidos pela esposa e por sua mãe. Faz uma parte e mostra para aprovação da esposa, pois “o toque feminino tem que ser dela”.



Durante a confecção da renda, a maioria das rendeiras utiliza o alfinete de cabeça, colorido. Quando ainda não existia esse tipo de alfinete, algumas derretiam pente de plástico para fazer uma bola, que colocavam na cabeça

do alfinete pequeno, assim aumentando a sua extremidade, facilitando dessa maneira o trabalho, evitando machucar a ponta do dedo. Utilizavam também espinho de laranjeira ou espeto de jurumbeva, palavra tupi-guarani para designar espécie de cacto, também chamado de jurumbeba, urumbeba, urubeba, entre outros.

O pique – molde ou gabarito utilizado com o desenho da renda desejada e aplicado na almofada – geralmente é feito de papelão-couro, o preferido das rendeiras, mas também reaproveitam o papelão de caixas. Para obter o desenho desejado, algumas rendeiras furam o papelão com agulha grande de costura ou haste de agulha de crochê, sem o gancho

do alfinete pequeno, assim aumentando a sua extremidade, facilitando dessa maneira o trabalho, evitando machucar a ponta do dedo. Utilizavam também espinho de laranjeira ou espeto de jurumbeva, palavra tupi-guarani para designar espécie de cacto, também chamado de jurumbeba, urumbeba, urubeba, entre outros.

O pique – molde ou gabarito utilizado com o desenho da renda desejada e aplicado na almofada – geralmente é feito de papelão-couro, o preferido das rendeiras, mas também reaproveitam o papelão de caixas. Para obter o desenho desejado, algumas rendeiras furam o papelão com agulha grande de costura ou haste de agulha de crochê, sem o gancho



da ponta, fazendo uma bola na outra ponta com plástico derretido de argolas de chupeta ou de tampas de vasilhames, para facilitar o manuseio. Há, ainda, as rendeiras que utilizam fotocópia do desenho escolhido, por não saberem fazer o pique ou por acharem mais prático, pela facilidade de ampliação ou redução do molde.

A linha preferida das rendeiras é a de puro algodão, de diversas espessuras. Empregam tipicamente as cores branca e bege, mas já começam a introduzir linhas de outras cores.



Renda céu estrelado



Renda cocada



Renda maria morena

PONTOS E TIPOS DE RENDA

A renda de bilros tem como pontos básicos a trancinha, o meio-ponto e a perna cheia, que no Nordeste é chamado de traça, devido à semelhança com um casulo.

A rendeira mexe com os bilros aos pares num movimento muito rápido, quase imperceptível, torcendo a linha dos pares para executar os pontos no ar, sem tecido preexistente, prendendo-os, nas suas extremidades, pelos alfinetes fincados no pique que está sobre a almofada.

Paninho, pastilha, ponto inteiro, ponto corrido, ponto de trança, ponto passado, ponto pregado, ponto puxado – também conhecido como perna esquecida –, repuxo e torcido são outros pontos também utilizados.

Dependendo da região os nomes para o mesmo tipo de renda são diferentes. Existe uma variação grande de nomes, que geralmente se referem às figuras com que se assemelham: abacaxi, arco, beleza de um arco, beleza de dois arcos, bico de pato, ceará, cocada, concha, maria morena, penca de rosa, roda de arco, tradicional, tramoia ou sete pares.



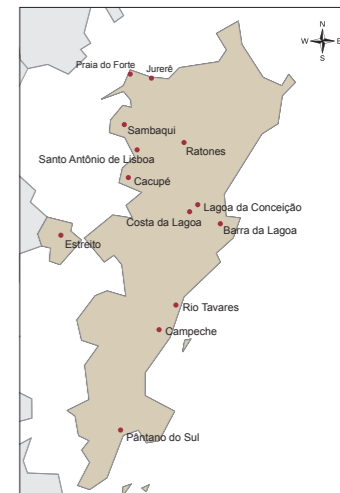
Renda tramoia

O ponto tramoia é tecido com sete pares de bilros e geralmente com dois tipos de linha, uma fina e outra grossa. A linha fina transpassa de um lado a outro, entremeando a linha grossa, que compõe o desenho. Os desenhos em tramoia recebem nomes curiosos: trevo, quatro patas, corrúpio, caracol, mãos, estrela, zigzag, tesoura, e outros.

A RENDA COBRE A ILHA

Passando pelos diversos recantos de Florianópolis, é fácil constatar que a renda de bilros não se limita à Lagoa da Conceição, maior referência quando o assunto é este artesanato, estando presente em todas as regiões da cidade, onde cerca de 250 rendeiras permanecem em plena atividade, vencendo o desafio da precariedade do escoamento da produção, que é o maior problema enfrentado por elas.

Na Lagoa da Conceição, atravessando a ponte e margeando a Avenida das Rendeiras, é possível encontrar diversas artesãs que demonstram diariamente suas habilidades com os bilros em pequenas lojas situadas à beira da lagoa, onde são comercializados seus produtos, que competem com rendas do Nordeste e artigos de praia, pois a venda exclusiva das rendas locais não é suficiente para manter esses estabelecimentos.





Avenida das Rendeiras

A paisagem da Lagoa, especialmente num lindo dia de sol, é um convite a continuar desvendando este “feitiço” que envolve tantas mulheres da cidade. Chegar à Barra da Lagoa, um importante núcleo pesqueiro que também mantém a tradição do binômio pescadores/rendeiras, é, de certa forma, remeter-se ao passado. Caminhando pelas ruas estreitas e calmas do lugar ou à beira-mar, onde, no período do inver-

no, pescadores ficam na espreita aguardando um lanço⁵ de tainha – o peixe mais famoso (e aguardado) da temporada –, é comum encontrar em frente de algumas casas placas de “vende-se rendas”. Aproveitar a oportunidade e entrar numa delas para conversar com a rendeira pode se tornar uma experiência ímpar.

Anadir Maria dos Santos, conhecida como dona Nair, nasceu na Barra da Lagoa, onde vive até hoje, já com 86 anos de idade, fazendo suas rendas sempre na mesma almofada. Conta muitos casos e finalmente convida para uma visita a seu quarto, onde guarda seus piques embaixo do colchão, com extremo cuidado, de modo que não dobrem, nem amassem, nem estraguem.

Na Costa da Lagoa, situada a oeste da Lagoa da Conceição, cujo acesso só é possível de barco ou caminhando, a pesca é a base da economia local. Sua população não passa de dois mil habitantes, sendo que a maioria é constituída de “nativos”, como também se costuma denominar localmente



Casa de Dona Nair

as pessoas nascidas nas diversas regiões de Florianópolis. Caminhando-se por uma estreita via central, observa-se a quantidade de pequenas casas totalmente em sintonia com a simplicidade do local. O silêncio só é quebrado pelo cantar dos pássaros ou pelo motor dos barcos, principal meio de transporte utilizado.

Como em todas as comunidades pesqueiras da ilha, a Costa da Lagoa também mantém a tradição da renda de bilros. Conversar com algumas rendeiras pode ser um dos momentos mais prazerosos e encantadores da visita ao local. Elas são atenciosas e carinhosas e demonstram o orgulho que têm por exercer esta tradicional atividade. Dona Delgícia Amélia Goes, que nasceu, casou, teve filhos, enviuvou e ainda vive em Costa da Lagoa, aos 86 anos de idade, é um exemplo de paixão pelo ofício. Quando o assunto é a renda, que dona Delgícia aprendeu a fazer por volta dos seis anos de idade, ela não hesita em afirmá-la como recurso de vida:



Dona Delgícia

Se eu deixar de fazer renda, vou pegar uma depressão que vou morrer, porque quando eu estou fazendo renda, escutando rádio, eu não estou botando coisa ruim na minha cabeça. A doença mais triste do mundo é a depressão.

Outras duas rendeiras de Costa da Lagoa, dona Demétria Isolina Pinheiro e dona Denézia Maria Elesbão, deixam explícito o orgulho por manter a tradição que iniciaram desde crianças. Dona Demétria teve seis filhos homens e quatro mulheres, que também aprenderam a fazer renda, mas atualmente trabalham em outras atividades. Com-

parando a comercialização da renda nos dias atuais com a que ocorria antigamente, dona Denézia afirma que agora o produto é mais valorizado – antes se vendia muito barato e agora se consegue um preço melhor.

Próximo à Costa da Lagoa, em São João do Rio Vermelho, ou simplesmente Rio Vermelho, encontra-se a praia mais extensa da ilha. Com 7,5km de extensão, a Praia do Moçam-

bique, que faz parte do Parque Florestal do Rio Vermelho, tem areias claras e macias, quase intocadas pelo homem.

Às margens da rodovia que corta o bairro de ponta a ponta, fazendo a ligação entre a Praia dos Ingleses e a Barra da Lagoa, reside a rendeira mais idosa de que se tem registro em Florianópolis. Dona Palmena Joaquina Souza, aos 100 anos, conta que gostava de cantar nos cafezeiros “versos bonitos de namorado”. Relembra que sua vida foi de muito trabalho, desde a infância. Por volta dos 10 anos,



Dona Palmena

já comercializava a renda que fazia no chão, sentada numa esteirinha. A casa em que vive com a filha Marlene é de uma beleza peculiar. As rendas e os tapetes de retalhos coloridos pendurados na janela contrastam com a cor das paredes de madeira pintadas em amarelo ouro, atraindo os olhares até dos menos atentos transeuntes.



No norte da Ilha, a região mais desenvolvida quanto à infraestrutura urbana, com muitos hotéis, restaurantes, bares e casas noturnas, entre outros serviços, e onde estão localizados os maiores e mais famosos balneários da ilha, também encontram-se mulheres que passam seus dias a fazer renda.

O Forte de São José da Ponta Grossa é uma edificação construída na metade do século 18 com a função de ser um dos vértices do sistema triangular de defesa da Barra do Norte da Ilha de Santa Catarina. Foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1938 e está aberto diariamente à visitação pública. No interior deste forte, algumas mulheres permanecem o dia inteiro fazendo renda, expondo



Forte São José da Ponta Grossa | Loja das Rendeiras

e comercializando seus trabalhos aos inúmeros turistas que visitam o local.

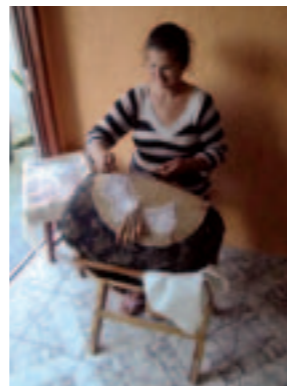
Para acessar o forte, há uma íngreme e sinuosa subida, onde se depara, numa das primeiras curvas, com uma pequena loja de artesanato, cujo foco principal é a venda de rendas de bilros, produzidas, em sua maioria, pela proprietária, Madalena Aurora Gaia. Dona Lena diz se entreter fazendo renda durante o tempo em que fica na loja, situada no quin-



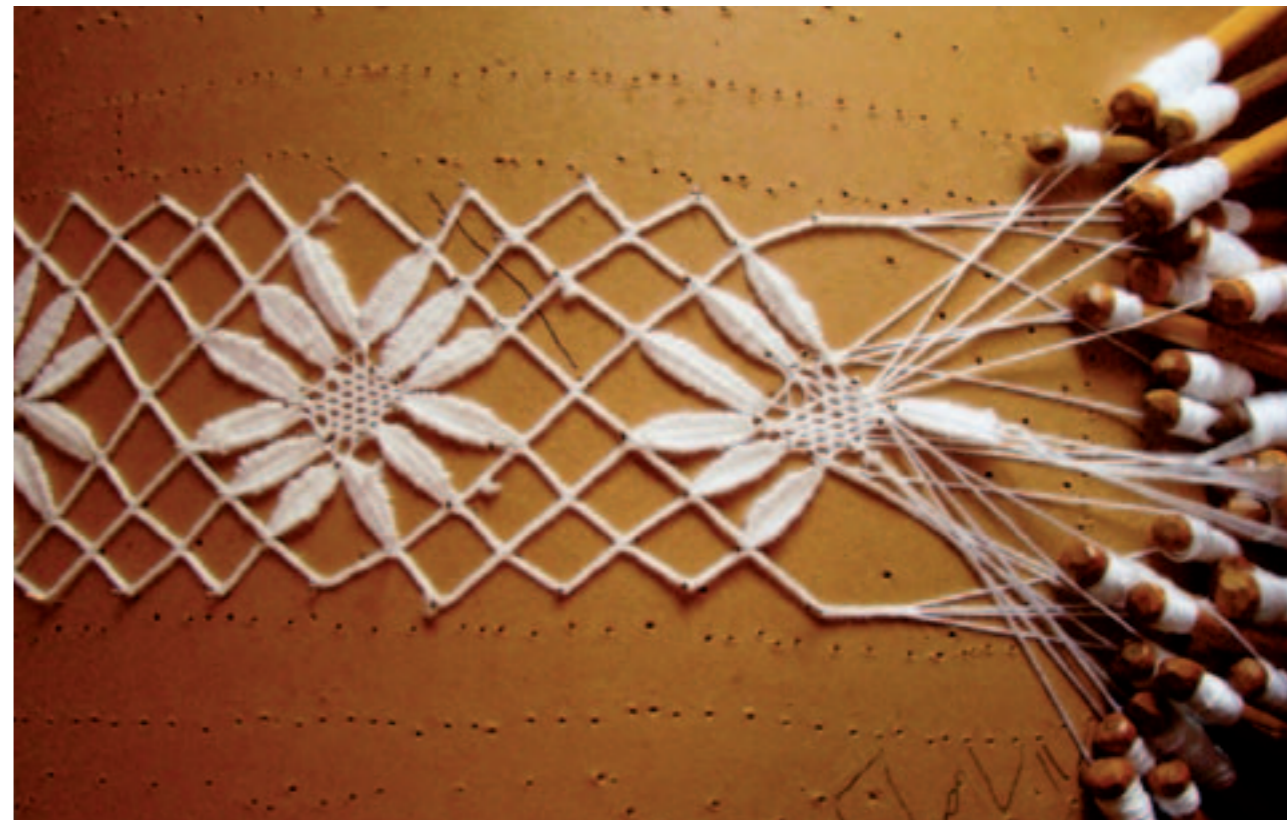
tal da sua residência, e que, mesmo após o fechamento, continua a fazer renda em casa.

Ainda que a especulação imobiliária tenha transformado alguns balneários do norte da ilha, encontram-se, na comunidade, alguns “nativos” hoje residindo em habitações já não tão simples como antigamente, mas que ainda mantêm a tradição religiosa e cultural de antes. A rendeira Lucimar Pereira Forte, conhecida por Cota, vive em Jurerê, num amplo terreno com várias casas, onde moram alguns de seus filhos com suas respectivas famílias.

Outra realidade é encontrada no sul da ilha, onde está mais evidente o aspecto rústico da vida dos pescadores e ainda há marcos da história colonial. Nas ruas das comunidades, muitas delas estreitas e algumas até sem saída, pescadores e rendeiras convivem harmoniosamente e têm o prazer de receber quem chega, tanto para “comprar uma rendinha” quanto para “jogar uma conversa fora”. A parada para o cafezinho faz com que o visitante se emocione ouvindo as



Dona Lena





Joana

cantorias e se encante com a amabilidade das pessoas.

Foi o que sentimos ao encontrar, em Rio Tavares, três mulheres que fazem parte da história do bairro e mantêm a tradição de fazer rendas desde os seis anos de idade. Joana Iraci Nunes (Jô) e as irmãs Áurea Cecília Vidal (Ném) e Siderma Cecília Vidal fazem uma renda chamada beiju, hoje conhecida como fundo de copo. Geralmente utilizam bilros antigos, herdados das mães, das avós ou de tias. Sobre a qualidade dos bilros, Jô foi enfática:

eu sou muito chata com os bilros, porque bilro tem que ter o jeitinho da mão da gente. Bilro mal feito influencia na qualidade da renda.

No sul da ilha, onde predomina a confecção da ren-

da tramoia, ou renda de sete pares (pois é feita somente com sete pares de bilros), comercializadas praticamente apenas na temporada de verão, muitas rendeiras se dedicam ao ofício e são unânimes no prazer que dizem sentir quando “vão para a renda”. Florentina Lina Coelho (Flor), Roseli Maria da Silva Pereira, Ana Emília Valentim (Nica), Osmarina Maria Monteiro, Catarina Ana da Lapa (Catarina do Bebeco) e Irene Inácia Coelho ainda mantêm a tradição da família e continuam produzindo peças de renda, mesmo que tenham outras atividades profissionais como ocupação principal.

Entre a grande diversidade de tipos e formas de rendas desenvolvidas, variando de uma região para outra da Ilha, as mais expressivas são: a renda "céu estrelado" (peça única com bico de pato em ponto torcido e paninho); a "bicuda"

(roda de bico de pato com seu centro em ponto de trança, ponto torcido e ponto puxado), geralmente produzida em jogos de várias peças; a "renda de arco" (bicos-de-leque com o centro das peças que chegam a atingir mais de um metro de diâmetro em arco de meio ponto), feita em grande variedade de tamanho e formas geométricas; a renda "tramoia", feita com sete pares de bilros, em peças únicas e grandes, geralmente usadas como colchas, trilhos ou toalhas de mesa.



Ana Emília



Renda tramoia

Diferente de outras regiões no que diz respeito ao interesse turístico, a região oeste da ilha se assemelha às demais no tocante à existência de pescadores e rendeiras. Ali, é possível assistir ao mais belo pôr do sol da cidade, fazendo com que o lugar seja reconhecido por alguns nativos como a “Costa do Sol Poente”.

No bairro Cacupé, onde as fachadas das casas de pescadores são voltadas para a estrada e de costas para a vista do



Denise

mar, se misturam a modernidade e as tradições dos moradores nativos, que vivem da pesca artesanal e do cultivo de ostras. Ali vive Denise Cordeiro Tavares, que aprendeu a fazer renda com a mãe, por volta dos nove anos de idade, a exemplo de suas três irmãs. Apaixonada pelo que faz, adora participar de feiras e demais eventos, quando, além de demonstrar suas habilidades, comercializa sua própria renda e também revende para outras artesãs. Denise, além de ser rendeira, trabalha com o marido numa empresa que organiza festas.

Sua mãe, dona Maria Almeida Cordeiro, que atualmente, orientada por seu médico, não está fazendo renda por problemas de saúde, vez por outra não se controla e vai para a almofada “só para fazer um pouquinho”.

Quase a noroeste da ilha, destacamos Santo Antônio de Lisboa, uma das primeiras comunidades fundadas por imigrantes açorianos que por ali chegaram na metade do século 18.

Nessa comunidade, reside uma das rendeiras mais antigas de Florianópolis. Dona Natalícia é a matriarca da família Machado. Aos 88 anos, ainda “arma renda”, o que aprendeu com a mãe. Em torno de sua casa residem filhos, filhas, noras, genros, netos, que mantêm a tradição de se reunir todo último domingo de cada mês para um almoço. De suas oito filhas, somente as quatro primeiras aprenderam a fazer renda: Bertolina Machado Ferreira, Ivone Machado Garcia, Ilurdes Machado Souto (Dinha) e Naldi Machado da Ventura (Ném).



Dona Liça, Dinha e Ném

No distrito de Santo Antônio de Lisboa, mais precisamente na Barra do Sambaqui, uma representante ativa da comunidade mantém a tradição familiar até hoje. Maria da Glória Viana Soares, a Glorinha, faz renda desde criança e mesmo já casada, trabalhando fora, jamais deixou de fazer renda: “o tempinho que sobrava corria para a renda”. Sabe criar piques e observa que “pra fazer o pique tem que entender de renda, tem que saber quantos pares vai entrar, quantos pares vai sair”. Ela atualmente lidera um grupo de mulheres que se reúnem regularmente num espaço cedido na sede da associação do bairro para ensinar, produzir e comercializar rendas.

Áurea Boaventura da Silva, cunhada e vizinha de Glorinha, é conhecida por todos como Mocinha. A renda sempre fez parte de sua vida – mesmo quando trabalhava fora, chegava em casa e sempre fazia renda. Áurea exibe com orgulho a habilidade com que trama os bilros.



Glorinha e neta



Nerivalda dando aula no bairro do Estreito

Na região continental de Florianópolis foi constatada a presença de rendeiras e interessadas em aprender essa arte. No bairro Estreito, onde funciona o projeto Oficina de Artes e Educação nas Comunidades, fruto de parceria entre a Biblioteca Barreiros Filho – local onde ocorre a Oficina –, a Fundação Franklin Cascaes e a Secretaria do Continente, é oferecido curso gratuito de renda.

Nerivalda Duarte de Souza, professora de renda tradicional do projeto, descende de uma família de rendeiras

da localidade de Ratoles, parte insular de Florianópolis. Atualmente reside no continente, onde mantém fortes laços com o ofício, fabricando peças que utilizam a renda no seu preparo, e enfatiza: “nasci ouvindo o barulhinho dos bilros”.

Já no primeiro semestre em que a oficina foi oferecida à comunidade, a avaliação das alunas, muitas vindas de outras cidades, foi bem positiva. Na opinião delas, é muito importante, para quem reside no continente, a oportunidade de aprender sem necessitar se deslocar para a ilha, onde os cursos de renda costumam ser oferecidos.

A DINÂMICA DA TRADIÇÃO

Houve um período de arrefecimento na produção da renda de bilros em Florianópolis, justificado pela abertura do mercado local para a renda nordestina, de valor bem abaixo daquele praticado na cidade; pela ampliação da escolaridade feminina, fazendo com que as mulheres se capacitassem para atividades mais bem remuneradas; pelo desinteresse das mais jovens; pela falta de integração ou, por vezes, a concorrência entre as rendeiras das várias regiões da cidade.



No entanto, o lançamento do Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis, amplamente divulgado pela mídia local, teve efeitos bastante positivos.

O Centro Cultural Bento Silvério, popularmente conhecido como Casarão da Lagoa, localizado no centro da Lagoa da Conceição, sedia uma unidade da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, que abriga, desde final de março de 2011, o Centro de Referência da Renda de Bilros de Florianópolis⁶. O prédio abriga uma sala de exposição permanente com variados tipos de renda produzidos na

capital, além de loja, biblioteca e centro museográfico com acervo de fotos, vídeos, folhetos, livros e outros materiais de registro desse artesanato. Há também um local reservado para oficinas permanentes de repasse de saberes tradicionais sobre cantorias, formas de fazer o pique, pontos e almofadas, entre outras atividades.

Nas tardes de quarta, quinta e sexta-feira, mulheres de diversas localidades lá se encontram para participar de três oficinas gratuitas de renda – tradicional, maria morena e tramoia –, como também para trocar experiências, aprender novas técnicas e reciclar seus conhecimentos sobre o artesanato por que mais têm paixão.

Rosinete Rodrigues Marques, uma das mais jovens participantes das oficinas, é um exemplo do êxito dessas iniciativas nas comunidades, que servem de estímulo na busca de novas interessadas nessa tradição secular: não é nativa de Florianópolis, jamais soube fazer renda, mas se interessou em aprender.

Eli Machado dos Santos, que costumava fazer renda mas havia abandonado a atividade há muitos anos, passou a frequentar as oficinas simplesmente pelo prazer de fazer renda.

Embora ensine a renda tradicional no Centro de Referência, Elita Catarina Ramos também domina a técnica da



Oficinas no Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis

tramoia, maria morena e renascença. Depois de alguns anos de inatividade, retornou às almofadas e bilros:

“A renda é uma terapia. Quando estou na renda, esqueço de tudo”.

A história de Eliane Inedina Vieira, por sua vez, difere da maioria pelo fato de ser “manezinha”; porém, criada no Rio Grande do Sul, só aprendeu a fazer renda quando retornou para Florianópolis, já adulta.

Outras mulheres, originárias de famílias que fizeram seu sustento com a pesca e a renda, destacam-se nas oficinas: Maria de Lourdes de Jesus, Diorcélia Juventina de Souza, Francisca Alves Vieira, Hilza Carolina de Souza, Leoneide Eufrázia Garcez, Dulce Luiza dos Santos, Nadir Amândio Gonçalves (Didi), Onézia Julieta Antunes, Ana Eli Costa (Nizia), Olindina Julieta de Assunção (Lindoca) e Neide Gertrudes Teixeira.

Na fase de preparação para o lançamento do Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis, rendeiras das mais diferentes regiões tiveram a oportunidade de participar de um curso de gestão que objetivou capacitá-las para se organizarem associativamente. Isso as aproximou,

minimizando a falta de integração entre algumas delas, especialmente devido à distância entre as diversas regiões e às dificuldades de transporte urbano que o município sempre enfrentou. O primeiro efeito positivo ocorreu logo após o término do curso, com o surgimento de uma encomenda de volume considerável de peças de renda, em torno da qual foram mobilizadas várias rendeiras de diversas regiões, para que, juntas, conseguissem atender o pedido.

Exercendo um papel relevante quanto à continuidade das oficinas de repasse de saberes, o Centro vem apoiar projetos junto a instituições de ensino nas áreas de moda e estilismo que tenham ou possam vir a ter a renda de bilros como foco, bem como a divulgação ampla dessas atividades.

Hoje em dia, além de um maior interesse das pessoas em aprender o ofício, a produção da renda de bilros recebe uma demanda que supera as expectativas, com encomendas das mais diversas. As oficinas de renda mantidas tanto na Lagoa da Conceição quanto no continente e em Sambaqui já contam com a adesão de jovens, pois o interesse por essa atividade é crescente.

A renda está em foco, induzindo as rendeiras à inovação e ao aprimoramento constantes. Elas estão sendo impelidas a criar novos piques, introduzir novas linhas e cores, para

atender pedidos de empresários que querem, por exemplo, embalagens para garrafas de vinho, e de estilistas que querem utilizar a renda nas confecções. Os artesãos, inclusive ceramistas, estão cada vez mais introduzindo a renda em suas criações.

Os trabalhos, que antes eram basicamente produzidos nas cores branca e bege, hoje em dia acolhem uma enorme gama de cores. Maria de Lourdes de Jesus, que participa das oficinas no Centro de Referência, é uma entusiasta da introdução de cores na confecção das rendas: “O diferente dá mais ânimo, o colorido dá mais vida”.

Constata-se a motivação e o entusiasmo de mulheres de diversas comunidades da ilha, que se reúnem nas suas próprias casas, em grupos informais, para a produção da renda e outros artesanatos.

José Hermínio Faustino, o seu Zeca, é enfático ao afirmar que “hoje existe uma procura maior pela produção de bilros”. O interesse em aprender e fazer renda criou uma forte demanda paralela de bilros e cavaletes.

O curso de Bacharelado em Moda, com habilitação em Design de Moda, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc – está apoiando um projeto de aproveitamento da renda de bilros.

Nas artes plásticas, artistas utilizam elementos da cultura local, como, por exemplo, a renda e a pesca artesanal, como forma de integrar suas criações no contexto cultural. Neri Andrade, Vera Sabino, India Brazil, Elias Andrade, Soli, Jone Cezar de Araújo, Rodrigo de Haro, entre outros, preservam, por intermédio de suas obras, a cultura açoriana, base da colonização de Florianópolis.

O legado açoriano, marcante referência cultural da capital do Estado de Santa Catarina, encontra-se em fase de dinamização. Neste nosso século 21, tão distante da chegada dos primeiros imigrantes a essa ‘ilha da magia’ banhada pelo Atlântico, onde há rede, há renda.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, 30/31. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1978.

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, 32. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1979.

CORREA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis Ilustrada*. [Florianópolis]: Insular, 2005.

GEISEL, Amália Lucy; LODY, Raul (Coords.). Artesanato brasileiro: rendas. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, Instituto Nacional do Folclore, 1986.

PEREIRA, Mário. *História de Florianópolis para ler e contar*. [Florianópolis]: Cuca Fresca, 2002.

SOARES, Doralécio. *Folclore catarinense*. Florianópolis: UFSC, 2002.

_____. *Folclore brasileiro*: Santa Catarina. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1979.

_____. *Rendas e rendeiras da Ilha de Santa Catarina*. [Florianópolis]: FCC Edições, 1987.

GUIA Floripa. Disponível em: <www.guiafloripa.com.br>. Acesso em julho de 2011.

GUIA Floripa: economia. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/cidade/econo.php3>. Acesso em julho de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [Sítio institucional]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em julho de 2011.

LAGOA virtual: Costa da Lagoa. Disponível em: <http://www.lagoavirtual.com/regions/costa_da_lagoa.htm>. Acesso em julho de 2011.

FLORIANÓPOLIS (Cidade). Prefeitura Municipal. [Sítio institucional]. Disponível em: <www.pmf.sc.gov.br>. Acesso em julho de 2011.

OVERMUNDO: Costa-da-lagoa-floripa. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/guia/costa-da-lagoa-floripa>. Acesso em julho de 2011.

PORTAL cultural do Manezinho da Ilha: danças típicas. Disponível em: <http://www.manezinhodailha.com.br/Danca.htm>. Acesso em julho de 2011.

WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.or>. Acesso em julho de 2011.

NOTAS

- 1
Num pedacinho de terra
belezas sem par!
Ilha da moça faceira,
da velha rendeira tradicional
Ilha da velha figueira
onde em tarde fagueira
vou ler meu jornal.
.....

Rancho do Amor à Ilha, de Cláudio Alvim Barbosa, o Zininho.

2 Dança em que as pessoas, de mãos dadas, formam uma roda. Uma delas entra na roda, canta um verso e chama alguém mais, sempre cantando, para ocupar o centro. E assim vão se alternando. Em geral, os versos eram destinados a uma pessoa e assim começavam os namoros que, às vezes, terminavam em casamento.

3 Dança desenvolvida ao redor de um mastro central, onde são presas as pontas de fitas compridas e coloridas. Em ziguezague os participantes vão dançando e trançando as fitas em torno do mastro, diminuindo o tamanho da fita a cada rodada, até que fique impossível prosseguir. A dança finaliza com o movimento contrário, até que todas as fitas se desenlacem.

4 O pão-por-Deus é uma contribuição cultural dos imigrantes açorianos. Trata-se de um pedido ou recado, formulado em versos, escrito em recortes de papel, geralmente em formato de coração. Nos arquipélagos dos Açores e Madeira, tais pedidos eram feitos nos dias 1 e 2 de novembro, por crianças que pediam pão e guloseimas. Em Santa Catarina, os pedidos são distribuídos na primavera, a partir de setembro, encerrando-se justamente nos dias 1 e 2 de novembro. Apropriada pelos adultos, a prática costuma girar em torno de pedidos afetivos, de amigos e namorados. Quem recebe um pedido de pão-de-Deus fica na obrigação de retribuir com uma dádiva até o Natal.

5 Quantidade de peixe apanhada em uma rede de arrastão.

6 Conforme convênio firmado com a Associação Cultural de Amigos do Museu do Folclore Edison Carneiro (Acamufec) e Ministério da Cultura (Minc), dentro do Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (Promoart).

AGRADECIMENTOS

Às entrevistadas Adelir Maria Schaffer da Silva, Adércio João de Souto (Galego), Adriana da Silva, Ana Eli Costa (Nizia), Ana Emília Valentim (Nica), Anadir Maria dos Santos (D. Nair), Áurea Boaventura da Silva (Mocinha), Áurea Cecília Vidal (Nem), Beatriz Maria Bombassaro da Silva, Catarina Ana da Lapa, Catarina Odília dos Santos, Claremiria dos Santos Pedro (Mita), Delgícia Amélia Goes, Demétria Isolina Pinheiro, Denézia Maria Elesbão, Denise Cordeiro Tavares, Diorcélia Juventina de Souza, Dulce Luiza dos Santos, Eli Odelina Machado dos Santos, Eliane Inedina Vieira, Elias Joaquina Duarte, Elisa Mara Natal Simões, Elita Catarina Ramos, Florentina Lina Coelho (Flor), Francisca Alves Vieira, Gilda Albertina Cardoso, Helena Maria Nunes, Hilza Carolina de Souza, Ilurdes Machado Souto (Dinha), Irene Inácia Coelho, Joana Iraci Nunes (Jó), Jaime Francisco dos Santos, João Carlos da Ventura (Carlinho), José Hermínio Faustino (Zeca), Laudí Silva, Leoneide Eufrazia Garcez, Lucimar Pereira Forte (Cota), Madalena Aurora Gaia (Lena), Maria Almeida Cordeiro, Maria Cruz Oliveira, Maria da Costa de Aguiar (Bilica), Maria da Glória Viana Soares (Glorinha), Maria de Lourdes de Jesus, Maria Homem, Maria Rosa de Paulo (Maria do Altamiro), Marlene Palmena Souza, Marli Francisca da Luz, Nadir Amâncio Gonçalves, Nadir Brulina Nunes, Nair Maria da Costa (Dona Dica), Naldi Machado da Ventura (Nem), Natalícia Catarina Machado (Vó Liça), Neide Gertrudes Teixeira, Nerivalda Duarte de Sousa, Nivalda Eulália Theiss, Olindina Julieta de Assunção (Lindoca), Onézia Julieta Antunes, Osmarina Maria Monteiro, Palmena Joaquina Souza, Rosinete Rodrigues Marques, Sandra Mara Silva, Saulo Idalino Teixeira, Siderma Cecília Vidal, Valdete de Jesus Lima, Zeneta Dorvalícia dos Passos, Zulma Maria Matias.

Ao Grupo Esperança Nova, da Barra da Lagoa.

À Associação de Moradores da Costa da Lagoa, especialmente Márcia Maria Constantino Sálvio e Nelson Manoel Pereira.

CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891 | fax (21) 2205.0090
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA COSTA DA LAGOA

(48) 9923 9392

CASA DOS AÇORES ILHA DE SANTA CATARINA

(48) 3224 8514

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES

(48) 3232 1514

GRUPO ESPERANÇA NOVA, DA BARRA DA LAGOA

(48) 3232 3300

realização



CENTRO
NACIONAL
DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR

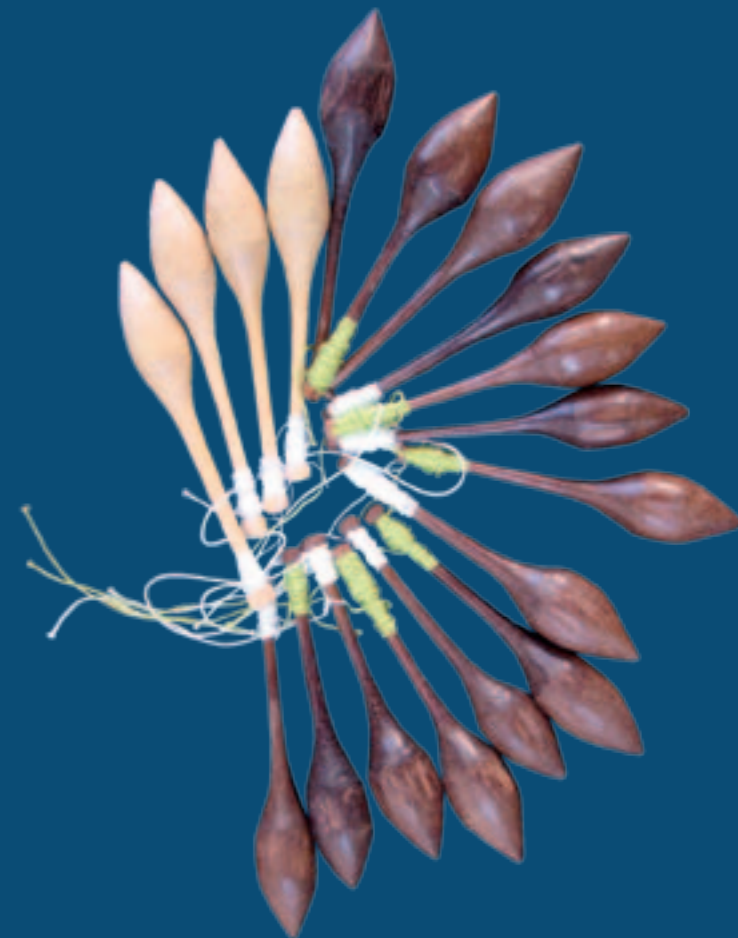
IPHAN

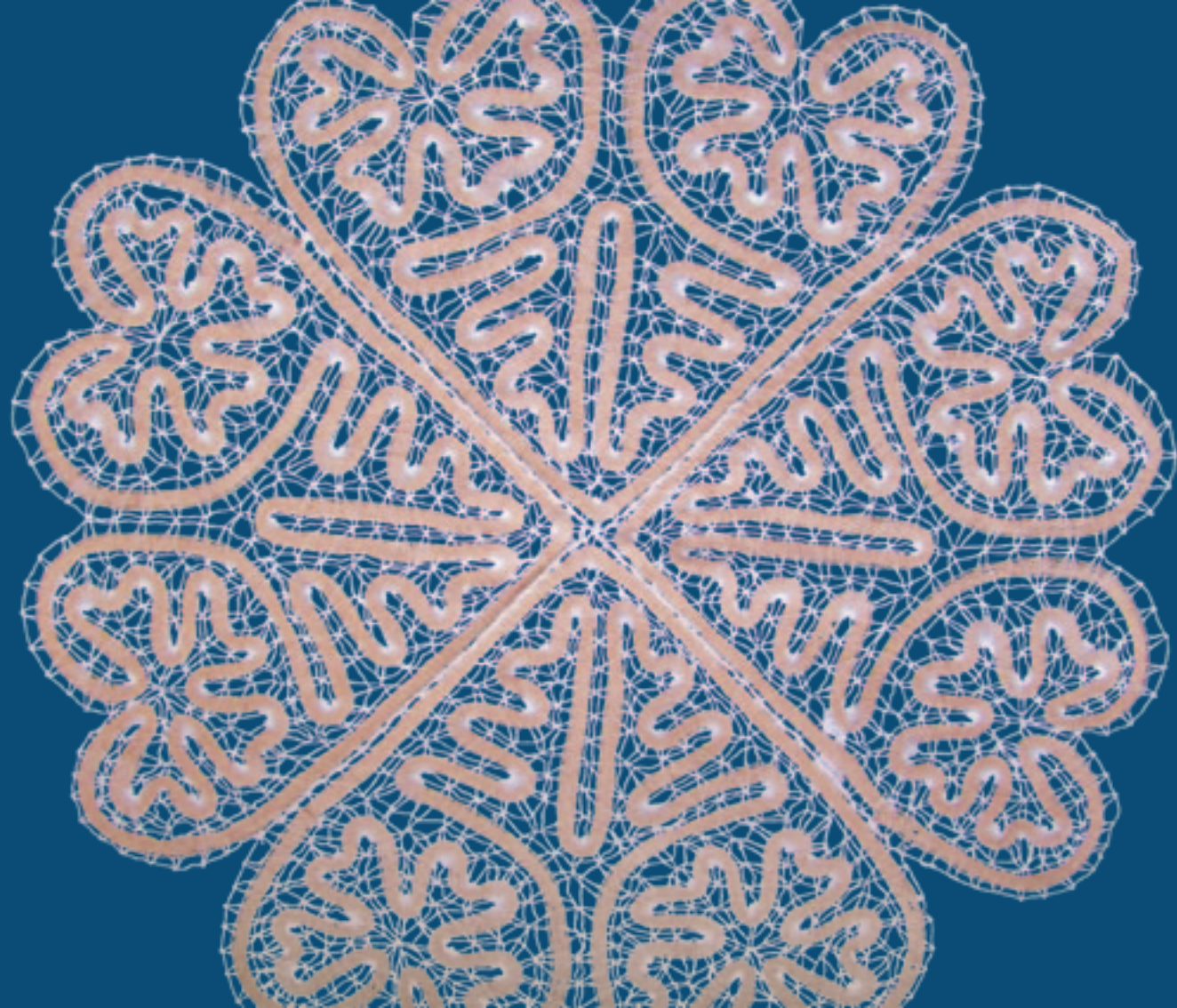
Ministério da
Cultura

CAIXA

patrocínio

G O V E R N O F E D E R A L
BRASIL
PAIS RICO E PAIS SEM FOME





RIO DE JANEIRO | 27 DE OUTUBRO A 27 DE NOVEMBRO DE 2011

MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR
MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO